

O cinema como fonte em História da Educação: limites e possibilidades metodológicas e epistemológicasDOI: <https://doi.org/10.33871/23594381.2026.24.2.12251>Bruno José Yashinishi¹

Resumo: O presente artigo analisa o cinema como fonte na História da Educação, discutindo seus limites e possibilidades metodológicas e epistemológicas. O objetivo consiste em problematizar em que medida produções cinematográficas podem ser utilizadas como fontes históricas na pesquisa em Educação. Para isso, adota-se uma pesquisa teórico-bibliográfica, baseada em autores da História Cultural, da cultura visual e da metodologia da análise fílmica, com destaque para contribuições que abordam o estatuto do cinema como documento histórico. O estudo parte da compreensão de que a historiografia contemporânea ampliou o conceito de fonte histórica, incorporando imagens e produções audiovisuais ao repertório documental. Nesse contexto, o cinema é compreendido como linguagem que produz discursos, representações e imaginários sociais sobre a escola e os processos educativos. A análise evidencia que o uso do cinema como fonte exige atenção às suas condições de produção, circulação e recepção, bem como aos seus mecanismos internos de linguagem. Como resultado da discussão teórica, identificam-se limites importantes, como o caráter industrial e mercadológico do cinema, o risco de anacronismo e sua inserção em lógicas da indústria cultural, que influenciam formas de representação e consumo. No entanto, tais limites não inviabilizam seu uso como fonte histórica, desde que acompanhado de procedimentos metodológicos adequados, como a análise técnico-estética e representacional, a contextualização das obras e a articulação com outras fontes. Conclui-se que o cinema pode contribuir para a História da Educação, especialmente na compreensão de práticas, discursos e representações educacionais.

Palavras-chave: fontes audiovisuais, ensino de história, cinema e educação.

Cinema as a source in the History of Education: methodological and epistemological limits and possibilities

Abstract: This article analyzes cinema as a source in the History of Education, discussing its methodological and epistemological limits and possibilities. The objective is to problematize to what extent cinematographic productions can be used as historical sources in educational research. To this end, a theoretical-bibliographical research approach is adopted, based on authors from Cultural History, visual culture, and film analysis methodology, with emphasis on contributions that address the status of cinema as a historical document. This study begins with the understanding that contemporary historiography has broadened the concept of historical source, incorporating images and audiovisual productions into the documentary repertoire. In this context, cinema is understood as a language that produces discourses, representations, and social imaginaries about school and educational processes. The analysis shows that the use of cinema as a source requires attention to its conditions of production, circulation, and reception, as well as its internal language mechanisms. As a result of the theoretical discussion, important limitations are identified, such as the industrial and market-driven nature of cinema, the risk of anachronism, and its insertion into the logics of the culture industry, which influence forms of representation

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Londrina. Bolsista CAPES. Mestre em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Especialista em Humanidades pela Universidade Estadual do Norte do Paraná. Graduado em Pedagogia pela Universidade Cruzeiro do Sul. Graduado em Sociologia pela Universidade Paulista. Graduado em Filosofia pelo Studim Theologicum. Graduado em História pela Universidade Estadual do Norte do Paraná. E-mail: byashi@gmail.com. ORCID: 0000-0001-5243-7616.

and consumption. However, such limitations do not preclude its use as a historical source, provided it is accompanied by appropriate methodological procedures, such as technical-aesthetic and representational analysis, contextualization of the works, and articulation with other sources. It is concluded that cinema can contribute to the History of Education, especially in understanding educational practices, discourses, and representations.

Keywords: audiovisual sources, history teaching, cinema and education.

Introdução

A ampliação do repertório de fontes na História da Educação tem se constituído como um dos movimentos relevantes da historiografia educacional contemporânea. Esse processo de abertura tem possibilitado a incorporação de objetos anteriormente pouco explorados, como imagens, fotografias, materiais escolares e produções audiovisuais, contribuindo para a ampliação do conceito de documento histórico (Noma, 2006; Fávero, 2009).

Nesse contexto, o cinema se apresenta como uma fonte que suscita debates acerca de seu estatuto epistemológico e das condições de sua utilização na pesquisa em educação. Isso se deve ao fato de que o cinema pode ser compreendido como um “complexo ritual” que mobiliza diferentes dimensões da experiência humana, ultrapassando a função restrita de entretenimento (Bernardet, 2006).

Historicamente, o cinema foi incorporado ao campo educacional, sobretudo, como recurso pedagógico ou ilustrativo, utilizado para complementar conteúdos e apoiar a compreensão de determinados temas. Essa perspectiva de uso, de caráter predominantemente instrumental, passou a ser problematizada a partir das contribuições da História Cultural e dos estudos da cultura visual. Tais abordagens deslocaram a imagem de uma condição de mera representação da realidade para a compreensão de sua dimensão como produtora de sentidos sociais.

Nesse sentido, o cinema passa a ser entendido como uma linguagem cultural que produz discursos, sensibilidades e imaginários sociais sobre diferentes aspectos da vida coletiva, incluindo a escola e os processos educativos.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar o cinema como fonte para a História da Educação, discutindo seus limites e possibilidades metodológicas e epistemológicas. Trata-se de uma pesquisa de natureza teórico-bibliográfica, fundamentada em autores com ênfase na problematização do estatuto do cinema como documento histórico. O problema que orienta a reflexão pode ser formulado da seguinte

maneira: em que medida o cinema pode ser utilizado como fonte na História da Educação sem ser reduzido a uma representação transparente da realidade?

Limites do cinema como fonte na História da Educação

O uso do cinema como fonte para a História da Educação oferece possibilidades de análise, mas exige atenção a limites metodológicos e teóricos. A produção cinematográfica está vinculada a interesses industriais e mercadológicos, o que impede sua compreensão como reflexo direto da realidade. Assim como outras fontes históricas, os filmes constituem construções marcadas por mediações técnicas, estéticas, narrativas, sociais e econômicas que influenciam suas representações. Como observa Pimentel (2011, p. 125):

Todavia, queremos ressaltar que, para causar efeitos de realidade sem ser a realidade, mas ficção, o cinema precisa apresentar uma mistura de linguagens, que se baseia, fundamentalmente em três: a visual, a sonora e a verbal. É esta mixagem que vai lhe conferir a evidência de efeitos especiais, não só nas imagens projetadas na tela, mas também no próprio receptor.

A análise histórica do cinema exige, portanto, considerar que o filme produz efeitos de realidade sem coincidir com a realidade em si. A montagem, o enquadramento, o roteiro, a direção e a composição das cenas não apenas organizam a narrativa cinematográfica, mas participam ativamente da produção de sentidos sobre os fenômenos sociais representados. O cinema opera, assim, como uma construção discursiva que seleciona, hierarquiza e interpreta determinados aspectos do social, produzindo leituras específicas da realidade em detrimento de outras possíveis.

Outro limite refere-se ao risco de anacronismo na análise histórica. O uso de filmes como fonte exige considerar tanto o contexto representado quanto as condições de produção e circulação da obra, evitando a projeção de valores contemporâneos sobre experiências históricas distintas. Como destaca Barros (2012), a fonte fílmica deve ser compreendida a partir das relações entre os sistemas de produção e recepção que a constituem. Assim, o filme não se restringe ao seu conteúdo, mas expressa valores, tensões e disputas do contexto histórico em que foi produzido, demandando constante contextualização por parte do pesquisador.

Além disso, o cinema não pode ser tratado como fonte autossuficiente para a análise histórica. No campo da História da Educação, a investigação demanda, de modo recorrente, a articulação entre diferentes tipos de documentação, como legislações, registros escolares, documentos institucionais, relatos orais e produções escritas. A triangulação de fontes permite ampliar as possibilidades interpretativas e reduzir o risco de análises sustentadas exclusivamente pelas representações construídas na narrativa fílmica.

As críticas ao uso do cinema como fonte histórica também se articulam às discussões sobre indústria cultural desenvolvidas por Adorno e Horkheimer (1985). Para os autores, os produtos culturais modernos inserem-se em uma lógica de padronização e consumo que limita as possibilidades de reflexão crítica:

O mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural [...] Ultrapassando de longe o teatro de ilusões, o filme não deixa mais à fantasia e ao pensamento dos espectadores nenhuma dimensão na qual estes possam, sem perder o fio, passear e divagar no quadro da obra fílmica permanecendo, no entanto, livres do controle de seus dados exatos, e é assim precisamente que o filme adentra o espectador entregue a ele para se identificar imediatamente com a realidade [...] Os produtos da indústria cultural podem ter a certeza de que até mesmo os distraídos vão consumi-los alertamente (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 104-105).

A partir dessa perspectiva, o cinema é compreendido como parte de um sistema de produção cultural orientado por interesses econômicos e pela lógica da massificação. Isso significa que suas narrativas não são apenas expressões artísticas ou culturais, mas também produtos inseridos em circuitos industriais que influenciam temas, formatos e modos de representação.

Essa discussão é retomada por Fabiano (2010), ao analisar os impactos da cultura de massa sobre os processos educativos e formativos contemporâneos. Segundo o autor:

Maneirismos e trejeitos postiços, sentimentalismos avaliativos, idolatrias pasteurizadas, manifestação de clichês, esteticismos medíocres; em suma, hábitos mentais e visão de mundo acrítica misturam-se às investidas pedagógicas, ameaçadas nas suas boas intenções metodológicas e curriculares. O imaginário estudantil, em sua grande maioria, ocupa-se ou se interessa obsessivamente por motivações publicitárias ou pela indução de gratificações imediatas [...] Há que se considerar que tais atitudes estão interferindo no plano assimilativo e perceptivo dos indivíduos, na sua capacidade de expressão e síntese, na sintaxe, no estilo e interesse investigativo,

somados ao mais dramático e preocupante: perda da exigência cultural internalizada (Fabiano, 2010, p. 328).

A reflexão proposta por Fabiano insere o cinema em um conjunto mais amplo de produtos culturais, como músicas, séries, jogos digitais, vídeos da internet e telenovelas, que participam da formação de sensibilidades, hábitos perceptivos e modos de interpretação da realidade social. Nesse processo, o autor identifica a constituição de uma “aridez cultural”, marcada pela tendência à banalização da cultura e pelo enfraquecimento de sua dimensão formativa crítica.

Por fim, a ampla circulação contemporânea de imagens e narrativas audiovisuais modifica as próprias formas de percepção e leitura do mundo social. O consumo contínuo desses produtos culturais interfere nos modos de atenção, interpretação e elaboração simbólica dos sujeitos, aspecto que também deve ser considerado na análise histórica do cinema. Assim, o desafio metodológico não se restringe ao exame do conteúdo dos filmes, mas envolve igualmente a compreensão das condições sociais de sua produção, circulação e recepção.

O cinema como fonte histórica: possibilidades

As críticas anteriormente apresentadas são relevantes para a construção de uma abordagem metodológica mais rigorosa acerca do uso do cinema na História da Educação. Reconhecer os limites da fonte filmica, contudo, não significa desconsiderar suas possibilidades analíticas. Ao contrário, essas problematizações permitem compreender o cinema como uma fonte histórica complexa, capaz de oferecer elementos para a análise dos processos educativos, das sensibilidades sociais, das representações culturais e das formas de circulação de valores e discursos em diferentes contextos históricos.

Ao discutir as relações entre cinema e história, Marc Ferro (2010, p. 27) afirma que: “O historiador escolheu esse ou aquele conjunto de fontes, adotou esse ou aquele método de acordo com a natureza de sua missão, de sua época”. A observação do autor evidencia que as fontes históricas não possuem um estatuto fixo e imutável, mas adquirem legitimidade a partir das questões formuladas pelos historiadores e das demandas intelectuais de cada período histórico.

Na obra *O cinema ou o homem imaginário*, Edgar Morin (1997) reflete sobre a objetividade e subjetividade no cinema diante da complexidade da multifacetada natureza

da experiência humana. O autor reconhece o caráter da objetividade cinematográfica preconizada pelos frankfurtianos, mas, ao contrário destes, valoriza a subjetividade na interpretação dos espectadores de um filme que é influenciada pelas experiências, valores e perspectivas de cada pessoa. Assim, o autor estabelece um elo entre objetividade e subjetividade, argumentando que o cinema, como meio, cria uma ponte entre o objetivo e o subjetivo, proporcionando uma experiência que envolve ambas as dimensões.

Além disso, Morin (1997) destaca a importância da participação ativa dos espectadores diante da experiência cinematográfica ao interpretar e interagir intelectualmente com o que veem na tela, ao serem estimulados a envolver emoções e imaginações com a história de um filme, ao criarem conexões e intertextualidades com diferentes gêneros cinematográficos e outras formas de Arte e ao refletirem, questionarem e ampliarem sua compreensão do mundo por meio do cinema.

Dessa forma, o valor documental e de fonte histórica de uma obra cinematográfica não vale apenas pelo que ela testemunha, mas pela sua abordagem social e histórica. Conforme Fávero (2009), os fatos e documentos históricos não falam por si, mas dependem de como o pesquisador os aborda e interpreta na procura da compreensão do pensamento por trás deles. Assim como em outros tipos de fontes, o trabalho do historiador com o cinema deve guiar-se por algumas questões de partida, como:

Em outros termos, quais são os objetivos que os historiadores podem se fixar em função das possibilidades que dissimula esse tipo de fonte? O que testemunha o filme? Que elo existe entre a representação fílmica e a memória ou as mentalidades coletivas? O cinema pode servir para desenvolver uma história crítica? (Lagny, 2009, p.101).

Essas e outras questões permitem que as fontes fílmicas sejam exploradas a ponto de tornarem-se documentação imprescindível para a História Cultural, no sentido de poderem revelar visões de mundo, imaginários sociais, padrões de comportamento e de hábitos e tantos outros aspectos relacionados a uma sociedade historicamente localizada (Barros, 2012). Ao longo da história, o cinema se desenvolveu enquanto arte, artefato, linguagem, técnica, indústria, espetáculo e entretenimento. Cada um desses aspectos é igualmente importante e não devem ser negligenciados na relação entre cinema e história.

É importante ressaltar que as produções cinematográficas são socialmente construídas, portanto, para além da análise de seus conteúdos, os historiadores devem atentar para o contexto histórico e social em que as obras foram produzidas. Como

produto da história, o cinema se torna um meio para a observação e compreensão da sociedade que o produz, contextualiza, define a própria linguagem do meio e estabelece as narrativas e suas temáticas (Barros, 2012).

Assim, “O Cinema não é estranho aos estudos em Educação, tampouco a História está alheia ao Cinema, teoricamente, metodologicamente e narrativamente” (Oliveira; Moares; Brandão, 2022, p. 350). Independente do gênero e se o estilo filmico é baseado em fatos ou acontecimentos reais, se é propriamente um documentário ou com uma trama puramente ficcional e fantasiosa, as imagens do cinema sugerem o real, sendo produto de atos e manifestações da sociedade humana. “Desse modo, ele (o filme) não está isento das influências da sociedade, pois é expressão dessa mesma sociedade com todos os elementos que a compõem, transparentes ou não, consciente ou inconsciente” (Meirelles, 2002, p. 114).

O cinema constitui uma fonte relevante para a História da Educação, pois os filmes podem registrar contextos históricos e representar culturas escolares. Mediante uma análise metodologicamente orientada, as fontes cinematográficas possibilitam compreender práticas e processos educativos, além de evidenciar aspectos nem sempre presentes nos documentos escritos tradicionais. Ao problematizar as fontes em História da Educação, Galvão (2012, p. 102) aponta que:

Ao lado da ampliação do campo do historiador, a Nova História alargou, também, o tipo e o uso das fontes [...] Construção do historiador, criação de uma época ou ainda monumento (Certeau, 1982 e Le Goff, 1984), as fontes não mais se restringem aos documentos oficiais escritos, ganhando tanta importância quanto esses a fotografia, a pintura, a literatura, a correspondência, os móveis e objetos utilizados, os depoimentos orais, etc. Qualquer indício de uma época pode ser utilizado como fonte pelo historiador.

Ressalta-se que os filmes são indícios de uma determinada época e, portanto, podem ser tomados como fontes históricas, como já mencionadas. A História da Educação faz-se também com fontes que “extrapolam” o próprio ambiente escolar, como vários tipos de atividades, práticas ou influências que o ambiente cotidiano transmite aos indivíduos, portanto, “[...] a diversidade de fontes (documentos escritos, relatos orais e imagens) é fundamental, para a análise do objeto educação, justamente pela riqueza que a complementariedade entre elas pode permitir” (Noma, 2006, p. 257).

Nesse sentido, vale a pena citar alguns trabalhos que lançam mão de longas-metragens, sobretudo, ficcionais, para pesquisas em História da Educação. Em uma obra

organizada por Souza, Carvalho e Ribeiro (2013), as autoras Maria Salvadori e Maurilene Biccas (2013) no texto *Narradores de Javé: perspectivas históricas para a abordagem da educação de jovens e adultos*, utilizam o filme *Narradores de Javé* para discutir a Educação de Jovens e Adultos em perspectiva histórica. As autoras analisam as tensões entre oralidade e escrita, os processos de exclusão ligados à cultura letrada e a relação entre memória coletiva e formação dos sujeitos, destacando também o potencial do cinema como recurso didático para o ensino de História da Educação.

Na mesma obra, Jocyleia dos Santos (2013) no capítulo “*Sociedade dos Poetas Mortos*”: o filme, analisa o filme dirigido por Peter Weir como possibilidade de reflexão para a História da Educação discutindo as tensões entre modelos pedagógicos tradicionais e perspectivas educacionais voltadas à autonomia e ao pensamento crítico, além de defender o cinema como fonte e recurso analítico para compreender historicamente o papel da escola e da prática docente.

No texto *Filmes nacionais como fontes primárias em história da educação brasileira: aspectos teórico-metodológicos*, Yashinishi (2024) analisa a relação entre o cinema nacional e a História da Educação brasileira, discutindo a possibilidade de uso de filmes como fontes primárias. Defende-se, com base em fundamentos teóricos e metodológicos, a ampliação do conceito de fontes históricas e a análise do cinema em suas múltiplas dimensões. Argumenta-se que, com metodologia adequada, os filmes podem contribuir para a compreensão de práticas e processos educativos, revelando aspectos pouco explorados em documentos escritos tradicionais.

Em conjunto, esses estudos evidenciam diferentes possibilidades de abordagem do cinema na História da Educação, especialmente quando tomado como fonte para a análise de práticas, discursos e representações do campo educacional. Ainda que não esgotem o debate, tais trabalhos indicam a potencialidade dos filmes para ampliar o repertório de fontes históricas e contribuir para a compreensão de dimensões da educação pouco acessíveis em documentos escritos tradicionais.

Questões metodológicas

Marcos Napolitano (2010) apresenta nove etapas para o trabalho com fontes fílmicas na pesquisa em História, que podem ser organizadas de forma sequencial. Inicialmente, é necessário definir a abordagem de análise, distinguindo entre cinema na História, história no cinema ou História do cinema. Em seguida, deve-se buscar

compreender o sentido interno do filme, de modo a possibilitar sua utilização como fonte histórica. O terceiro passo consiste na realização de sessões de visualização sistemáticas e repetidas das obras que compõem o corpus documental da pesquisa.

O autor chama atenção, ainda, para o fato de que todo filme envolve processos de construção do “real”, o que exige do pesquisador atenção aos modos de representação. Nesse sentido, torna-se importante o domínio de aspectos básicos da linguagem cinematográfica, assim como a identificação de seus elementos narrativos. Posteriormente, recomenda-se a elaboração de um fichamento detalhado do material analisado, considerando tanto as características da linguagem quanto as formas pelas quais os temas são desenvolvidos na narrativa.

As duas etapas finais consistem, primeiro, na identificação de elementos narrativos e/ou alegóricos presentes no filme, a partir dos recursos próprios da linguagem audiovisual, e, por fim, na articulação da obra com outros tipos de fontes, discursos históricos e produções artísticas, situando-a em um contexto mais amplo de análise.

Nesse quadro, a metodologia de análise de fontes filmicas não se configura como um modelo fixo ou fechado. Embora existam procedimentos já consolidados na literatura que articula cinema e história, sua aplicação depende das escolhas teóricas e da abordagem adotada em cada pesquisa, o que exige adequações conforme o objeto investigado. Napolitano (2010, p. 236) observa que o ponto central é “[...] perceber as fontes audiovisuais e musicais em suas estruturas internas de linguagem e seus mecanismos de representação da realidade, a partir de seus códigos internos”.

A partir dessa perspectiva, o autor propõe a análise em dois níveis complementares. O primeiro corresponde à dimensão técnico-estética, relacionada aos procedimentos formais da linguagem cinematográfica, como enquadramento, montagem, direção, roteiro e organização das sequências. O segundo refere-se à dimensão representacional, voltada à identificação dos eventos, personagens e processos históricos presentes ou reconstruídos na obra. Como afirma Napolitano (2010, p. 238), “[...] como em toda operação historiográfica, crítica externa e crítica interna, análise e síntese, devem estar devidamente articuladas”.

Assim, a análise fílmica pressupõe a articulação entre essas duas dimensões. A abordagem técnico-estética permite compreender os mecanismos de produção da linguagem audiovisual, enquanto a dimensão representacional possibilita interpretar os conteúdos narrativos e os modos de construção das representações. Em conjunto, esses

dois níveis permitem uma leitura integrada do filme, na qual forma e conteúdo são tratados como elementos interdependentes na análise fílmica da História da Educação.

Considerações finais

A análise desenvolvida evidencia que o cinema, enquanto fonte para a História da Educação, exige uma abordagem metodológica capaz de articular suas dimensões estéticas, narrativas, sociais e históricas. Os limites discutidos, como o caráter industrial da produção cinematográfica, o risco de anacronismo e a influência da indústria cultural, indicam a necessidade de evitar interpretações que tomem o filme como reflexo direto da realidade social.

Contudo, tais limites não inviabilizam seu uso como fonte histórica. Ao contrário, reforçam a importância de uma leitura crítica que compreenda o filme como construção discursiva e produto cultural situado historicamente. Nessa perspectiva, a ampliação do repertório de fontes e as contribuições da História Cultural permitem reconhecer o cinema como um documento relevante para a análise de práticas, discursos e representações educacionais.

Sua utilização, entretanto, requer procedimentos metodológicos que contemplem a análise da linguagem audiovisual, a contextualização histórica das obras e a articulação com outras fontes de pesquisa. Assim, o cinema pode contribuir para a compreensão de diferentes dimensões da educação, especialmente aquelas relacionadas às sensibilidades, aos imaginários sociais e às representações da Educação.

Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. A Indústria Cultural: o Esclarecimento como mistificação das massas. *In*: ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução de Guido Antonio Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 99-138.

BARROS, José D' Assunção. Cinema e história: entre expressões e representações. *In*: BARROS, José D' Assunção; NÓVOA, Jorge (Org.). **Cinema-História: teoria e representações sociais no cinema**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2012. p. 55-106.

BERNADET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

FABIANO, Luiz Hermenegildo. História, fontes e aridez cultural na atualidade. *In*: COSTA, Célio J; MELO, Joaquim J. P; FABIANO, Luiz Hermenegildo (Org.). **Fontes e métodos em história da educação**. Dourados: UFGD, 2010. p. 327-346.

FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade?. *In*: FERRO, Marc. **Cinema e História**. Tradução de Flávia Nascimento. São Paulo: Paz & Terra, 2010. p. 25-48.

GALVÃO, A. M. de O. Problematizando fontes em história da educação. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 21, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71617>. Acesso em: 11 fev. 2026

LAGNY, Michèle. O cinema como fonte da História. *In*: NÓVOA, Jorge; FRESSATO, Soleni B.; FEIGELSON, Kristian (Org.). **Cinematógrafo: um olhar sobre a História**. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Ed. da UNESP, 2009. p. 99-132.

MEIRELLES, W. R. O cinema como fonte para o estudo da história. **História & Ensino**, [S. l.], v. 8, p. 155–167, 2002. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/12164>. Acesso em: 1 fev. 2026.

MORIN, Edgar. **O cinema ou o homem imaginário**. Tradução de António-Pedro Vasconcelos. Lisboa: Relógio d'Água, 1997.

NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 235-287.

NOMA, Amélia Kimiko. A pesquisa histórica em Educação com fontes audiovisuais. *In*: SCHELBAUER, Analete Regina; LOMBARDI, José Claudinei; MACHADO, Maria Cristina Gomes (Org.). **Educação em debate: perspectivas, abordagens e historiografia**. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 257-275.

OLIVEIRA, César Luiz; MORAES, Juliana de Mello; BRANDÃO, Leonardo. O cinema como fonte e agente na história da educação: apontamentos teóricos e metodológicos. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 11, n. 22, p. 337-353, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistaeduculings/article/view/5253>. Acesso em 01 fev. 2024.

PIMENTEL, Lucília da Silveira Leite. **Educação e cinema: dialogando para a formação de poetas**. São Paulo: Cortez, 2011.

SALVADORI, Maria ângela Borges; BICCAS, Maurilane de Souza. “Narradores de Javé”: perspectivas históricas da educação de jovens e adultos. *In*: SOUZA, Saulóeber Társo de; CARVALHO, Carlos Henrique de; RIBEIRO, Betânia de Oliveira. (Org.). **Cinema e ensino de História da Educação**. Campinas: Alínea, 2013. p. 163-182.

SANTOS, Jocycleia Santana dos. “Sociedade dos poetas mortos”: o filme. *In*: SOUZA, Saulóeber Társo de; CARVALHO, Carlos Henrique de; RIBEIRO, Betânia de Oliveira. (Org.). **Cinema e ensino de História da Educação**. Campinas: Alínea, 2013. p. 259-266.

SOUZA, Saulóeber Társo de; CARVALHO, Carlos Henrique de; RIBEIRO, Betânia de Oliveira. (Org). **Cinema e ensino de História da Educação**. Campinas: Alínea, 2013.

YASHINISHI, Bruno. J. Filmes nacionais como fontes primárias em história da educação brasileira: aspectos teórico-metodológicos. In: III CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISAS, ESTRATÉGIAS E RECURSOS EDUCACIONAIS, 2024, Online. **Anais...** São José do Rio Preto - SP: Reconecta Soluções Educacionais, 2024. v. 1. p. 137-142.

Submissão: 03/06/2026. **Aprovação:** 24/08/2026. **Publicação:** 31/08/2026.